

DINAH JEFFERIES

O
perfume
da folha
de
chá

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

198181

Copyright © Dinah Jefferies, 2015

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Tea Planter's Wife

CAPA L Motley

LETTERING DE CAPA Bruno Romão

IMAGENS DA CAPA mulher © Jeff Cottenden; balcão © Corbis/ Fotoarena; campo © Teradat Santivivut/ iStock

PREPARAÇÃO Diogo Henriques

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jefferies, Dinah

O perfume da folha de chá / Dinah Jefferies ; tradução Alexandre Boide. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2017.

Título original: The Tea Planter's Wife.

ISBN 978-85-8439-046-5

1. Ficção histórica inglesa I. Título.

16-06987

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção histórica : Literatura inglesa 823

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

Prólogo

CEILÃO, 1913

A mulher levou o envelope branco e estreito aos lábios. Hesitou por um instante, parando para ouvir as notas dolorosamente doces de uma flauta cingalesa à distância. Considerando mais uma vez sua decisão, virou o envelope de um lado para o outro na mão antes de lacrá-lo e apoiá-lo em um vaso de rosas vermelhas que começavam a murchar.

O baú otomano antigo ficava ao pé da cama de quatro colunas. Era feito de madeira escura, com as laterais revestidas de cetim ondulado e uma tampa de couro estofado. Ela ergueu a tampa, pegou o vestido de casamento cor de marfim e pendurou no espaldar de uma cadeira, franzindo o nariz ao sentir o cheiro forte de naftalina.

Escolheu uma rosa, partiu o talo e olhou para o bebê, satisfeita por ele ainda estar dormindo. Diante da penteadeira, levantou a flor e a aproximou dos cabelos claros — finíssimos fios de seda, como *ele* sempre dizia. Ela sacudiu a cabeça e largou a flor. Hoje não.

Na cama, as roupas do bebê estavam arrumadas em pilhas aleatórias. Com a ponta dos dedos, ela tocou um casaquinho recém-lavado, recordando as horas que passara tricotando a peça até seus olhos arderem. Ao lado das roupas havia folhas brancas de papel de embrulho. Sem perder tempo, ela dobrou o casaquinho azul, ajeitou-o entre duas folhas de papel e levou ao baú com revestimento interno de zinco, colocando-o por baixo de tudo.

Todos os itens foram dobrados, acondicionados em papel de em-

brulho e depois acrescentados às demais camadas de gorros e sapatinhos de lã, pijamas e macacões. Azuis. Brancos. Azuis. Brancos. Por fim, vieram as fraldas de musselina e as toalhinhas de mão. Essas ela simplesmente dobrou no meio, e então, depois de tudo pronto, observou o que havia feito naquela manhã. Apesar de entender plenamente o que aquilo significava, o que viu não a incomodou.

Uma rápida olhada nas pálpebras agitadas do bebê revelou que ele estava prestes a acordar. Ela precisava se apressar. O vestido que escolhera naquele dia era feito de seda oriental em um tom de verde-água bem vivo, uma peça de cintura alta que chegava até pouco acima dos tornozelos. Era o seu favorito, e fora mandado de Paris. Foi o que usou na noite da festa, quando a criança certamente foi concebida. Ela hesitou mais uma vez. Vesti-lo naquele momento poderia parecer uma tentativa amargurada de provocar mágoa? Era difícil saber. Ela adorava aquela cor. Foi isso que disse a si mesma. Acima de tudo, estava a cor.

O bebê resmungou e começou a se agitar. Ela consultou o relógio, tirou o pequeno do berço e foi se sentar na poltrona de amamentação junto à janela, sentindo uma brisa fresca sobre a pele. Do lado de fora, o sol estava alto, e o calor começava a aumentar. Em algum lugar da casa, um cachorro latia e um cheiro inebriante de comida subia das cozinhas.

Ela abriu a camisola, revelando o seio branco com veias azuladas. O bebê se ajeitou e começou a sugar. Tinha uma boquinha bem forte, tanto que os mamilos dela estavam rachados e sensíveis. Para suportar a dor, era preciso morder o lábio. Tentando se distrair, olhou ao redor do quarto. Em cada um dos quatro cantos havia lembranças materializadas na forma de objetos: o banquinho entalhado vindo do norte; a cúpula do abajur que ela mesma bordou; o tapete da Indochina.

Quando acariciou a bochecha do bebê, ele parou de mamar, ergueu a mãozinha e, em um momento de beleza comovente, roçou os dedinhos no rosto dela. Era a ocasião perfeita para as lágrimas.

Depois de alimentá-lo, ela o deitou na cama enroladinho em um xale e, após se vestir, acomodou-o em um dos braços e deu uma última mirada ao redor. Com a mão livre, fechou a tampa do baú, jogou a rosa abandonada em um cestinho de lixo laqueado e passou a mão nas

flores que restavam no vaso, derrubando as pétalas soltas, que flutuaram por cima do envelope até caírem como gotas de sangue no piso de mogno encerado.

Ela abriu as janelas francesas, passou a vista ao redor no jardim e respirou fundo três vezes o ar perfumado pelos jasmins. A brisa cessara, assim como a flauta. Ela pensou que fosse ficar com medo, mas em vez disso se surpreendeu com uma bem-vinda sensação de alívio. Isso era tudo o que sentia, e já bastava. Então, com passos firmes, saiu andando, um passo inevitável atrás do outro. Quando deixou a casa para trás, deparou com um tom pálido de lilás: a cor da tranquilidade.

PARTE I — A NOVA VIDA

CEILÃO, 1925, DOZE ANOS DEPOIS

Com o chapéu de sol em uma das mãos, Gwen se debruçou sobre a amurada coberta de sal e olhou para baixo outra vez. Ela estava observando as mudanças na coloração da água fazia uma hora, acompanhando a trajetória de pedaços de papel, cascas de laranja e folhas que apareciam pelo caminho. Agora que o mar mudara de um tom azul-turquesa para um cinza-escuro, ela sabia que não demoraria muito. Inclinando-se um pouco mais sobre a amurada, viu um pedaço de tecido de cor prateada boiar até sumir de vista.

Quando o apito do navio soou — alto, prolongado e muito próximo —, ela teve um sobressalto, tirando as mãos da amurada em um gesto apressado. A bolsa de mão de cetim, um presente de despedida da mãe, com uma alça delicada e bordada com contas, escorregou de sua mão. Ela soltou um suspiro de susto e estendeu a mão para apanhá-la, mas logo percebeu que era tarde demais. A bolsa caiu no oceano, flutuou um pouco na água suja e afundou, levando junto seu dinheiro e a carta com as instruções de Laurence.

Ela olhou ao redor e sentiu mais uma vez um desconforto do qual não conseguira se livrar desde que saíra da Inglaterra. Não existe lugar mais distante de Gloucestershire que o Ceilão, dissera seu pai. Enquanto a voz dele ecoava em sua mente, ela tomou um susto ao ouvir

uma outra voz, claramente masculina, mas com um tom aveludado bastante incomum.

“Nova no Oriente?”

Acostumada com o fato de seus olhos azul-violeta e sua pele clara sempre chamarem a atenção, ela se virou. O sol forte a obrigou a estreitar os olhos.

“Eu... sim. Estou vindo encontrar meu marido. Somos recém-casados.” Ela respirou fundo, interrompendo-se antes que acabasse por contar a história toda.

Um homem de ombros largos e estatura média, com um nariz proeminente, a encarava com reluzentes olhos cor de caramelo. Quando se viu diante das sobrancelhas pretas, dos cabelos crespos e da pele escura e bronzada, ela não conseguiu continuar falando. Ficou imóvel, um tanto desconcertada, mas ele abriu um sorriso simpático.

“Pois teve sorte. Em maio o mar costuma estar bem mais agitado. Um plantador de chá, creio eu”, ele falou. “Seu marido.”

“Como o senhor sabia?”

Ele abriu as mãos. “Algumas coisas são bem típicas.”

Ela olhou para seu vestido bege: a cintura era baixa, mas o decote era alto e as mangas, longas. Não queria parecer “típica” de nada, mas se deu conta de que devia parecer deslocada ali, com sua echarpe de chiffon enrolada no pescoço.

“Eu vi o que aconteceu. Lamento muito pela bolsa.”

“Foi uma estupidez da minha parte”, ela falou, torcendo para não estar toda corada.

Caso fosse um pouco mais parecida com Fran, sua prima, poderia continuar puxando conversa, mas, em vez disso, imaginando que o assunto estivesse encerrado, virou-se para observar a aproximação do navio do porto de Colombo.

Acima do burburinho da cidade, um céu azul-cobalto se estendia até a extensão das montanhas arroxeadas, as árvores produziam sombras espessas e o ar era preenchido pelos gritos das gaviotas que rodeavam as pequenas embarcações que se acumulavam na superfície da água. A emoção de fazer algo tão diferente tomou conta dela. Estava com saudade de Laurence e, por um momento, chegou

a sonhar com ele. Nos sonhos, tudo saía às mil maravilhas, mas a realidade era repleta de sensações que lhe provocavam um frio na barriga. Ela respirou fundo para inalar o que esperava ser um ar impregnado de sal, e se surpreendeu com um aroma muito mais forte e marcante.

“O que é isso?”, ela perguntou ao se virar de novo para o homem, que, conforme imaginava, mantinha-se imóvel no mesmo lugar.

Ele inspirou profundamente. “Canela, e talvez sândalo.”

“Tem alguma coisa doce também.”

“Jasmins. Existem muitas flores no Ceilão.”

“Que ótimo”, ela comentou. Mas sabia que não era só isso. Por trás dos aromas sedutores, havia um odor azedo e desagradável.

“E um sistema de drenagem insatisfatório, infelizmente”, o homem completou.

Ela balançou a cabeça. Talvez fosse isso.

“Eu ainda não me apresentei. Meu nome é Savi Ravasinghe.”

“Oh.” Ela se interrompeu. “O senhor não... Quer dizer, eu não vi o senhor à mesa do jantar.”

Ele fez uma careta. “Não sou um passageiro da primeira classe, foi o que a senhora quis dizer, creio. Sou cingalês.”

Só então ela notou que o homem estava do outro lado da corda que separava as diferentes classes de viajantes. “Ora, é um prazer conhecê-lo”, ela falou, tirando uma das luvas brancas. “Sou Gwendolyn Hooper.”

“Então deve ser a nova esposa de Laurence Hooper.”

Ela acariciou a enorme safira do Ceilão encravada na aliança e confirmou com um aceno surpreso de cabeça. “O senhor conhece meu marido?”

Ele inclinou a cabeça. “Já conheci seu marido, sim, mas creio que infelizmente preciso ir.”

Ela estendeu a mão para cumprimentá-lo.

“Espero que seja muito feliz no Ceilão, sra. Hooper.”

Ele ignorou o cumprimento, e ela deixou a mão cair para junto do corpo. O homem pressionou as mãos uma contra a outra junto ao peito, com os dedos para cima, e fez uma leve mesura.

“Que seus sonhos se realizem...” Com os olhos fechados, ele ficou imóvel por um momento, e então se afastou.

Gwen ficou um tanto desconcertada com aquelas palavras e com o estranho gesto de despedida, porém, como havia coisas mais urgentes com que se preocupar, deu de ombros. Ela precisava muito se lembrar das instruções enviadas por Laurence.

Felizmente, os passageiros da primeira classe desembarcavam antes dos demais. Ela pensou outra vez naquele homem, incapaz de conter seu fascínio. Jamais conhecera alguém tão exótico, e teria sido divertido se ele ficasse por perto para lhe fazer companhia, o que obviamente não seria possível.

Nada teria sido capaz de prepará-la para o choque do calor do Ceilão, nem para as cores marcantes, nem para o contraste entre a fortíssima luz do sol e a escuridão profunda das sombras. Os ruídos a bombardeavam de todos os lados: sinos, buzinas, pessoas e insetos barulhentos que a cercavam e a faziam se sentir engolida como os detritos que vira no mar ao se aproximar do porto. Quando o barulho de fundo foi encoberto por um trombetear altíssimo, ela se virou sobre o atracadouro de madeira e deparou com a visão atordoante de um elefante erguendo a tromba e bramindo.

Quando a presença de um elefante na paisagem deixou de ser uma visão paralisante, ela abriu caminho até o prédio da alfândega, providenciou o despacho de seu baú e se sentou em um banco de madeira sob o calor carregado de umidade sem nada para protegê-la além de seu chapéu. De tempos em tempos, era preciso espantar as nuvens de mosquitos que se acumulavam em sua testa. Laurence prometeu que estaria no porto, mas, por ora, nem sinal dele. Gwen tentou lembrar o que havia sido instruída a fazer em caso de emergência, e nesse momento viu mais uma vez o sr. Ravasinghe, descendo pela rampa lateral do navio em meio aos passageiros da segunda classe. Evitando o olhar do homem, ela tentou esconder a vergonha da situação em que se encontrava e se voltou para o outro lado a fim de observar o carregamento de caixas de folhas de chá em uma barcaça do outro lado do atracadouro.

O cheiro de esgoto superava e muito as fragrâncias de especiarias, e agora se misturava a outros odores desagradáveis: de gordura, de esterco, de peixe podre. E, quando o atracadouro se encheu de passageiros acoissados por comerciantes e ambulantes oferecendo pedras preciosas e seda, ela começou a ficar nervosa. E se Laurence não viesse? Ele prometera. Gwen tinha apenas dezenove anos, e o máximo que se afastara da propriedade de Owl Tree fora em uma ou outra viagem a Londres com Fran. Sentindo-se totalmente sozinha, seu ânimo se abateu. Era uma pena que a prima não tivesse podido acompanhá-la na viagem, mas logo após o casamento Fran precisara se ausentar para tratar de negócios. Embora Gwen confiasse em Laurence a ponto de colocar sua vida nas mãos dele, era impossível não se sentir um pouco chateada com a situação.

Um bando de crianças morenas seminuas se infiltrou na multidão, oferecendo maços de canela em pau e implorando por algumas rupias com seus olhos enormes. Uma criança que não deveria ter mais de cinco anos ofereceu um maço para Gwen. Ela o segurou, levou ao nariz e cheirou. A criança começou a falar, mas suas palavras eram incompreensíveis para Gwen, e infelizmente ela estava sem uma rupia para dar, e, no momento, sem uma moeda inglesa que fosse.

Ela ficou de pé e saiu andando. Uma lufada de vento soprou e, de algum lugar distante, veio um som perturbador: *bum, bum, bum*. Tambores, ela pensou. Era um ruído alto, mas não o suficiente para que fosse possível identificar um padrão regular de batida. Ela não estava muito distante da mala que deixara sobre o banco, e, quando ouviu o grito do sr. Ravasinghe, sentiu o suor brotar nas têmporas.

“Sra. Hooper, não deixe sua mala assim, desprotegida.”

Ela limpou a testa com o dorso da mão. “Eu estava de olho.”

“As pessoas aqui são pobres, e a ocasião faz o ladrão. Venha, vou levar a senhora e sua mala até um lugar mais fresco para esperar.”

“É muita gentileza sua.”

“Faço questão.” Ele a segurou pelo cotovelo com a ponta dos dedos, abrindo caminho pelas instalações da alfândega. “Esta é a rua Church. Agora dê uma olhada ali: bem na extremidade dos Gordon Gardens fica a Suriya, ou tulipeiro, como é conhecida.”

Ela olhou para a árvore. Seu tronco grosso era drapeado como uma saia de mulher, e sua copa era coberta de flores de um tom forte de laranja, proporcionando uma sombra estranhamente vibrante.

“Ela vai oferecer um abrigo do sol. O calor da tarde está forte demais, e as chuvas das monções ainda não chegaram, mas já é um alívio.”

“De fato”, ela concordou. “Mas o senhor não precisa ficar comigo.”

Ele sorriu, e seus olhos se estreitaram. “Não posso deixar a senhora sozinha, sem um tostão e sem conhecer ninguém na cidade.”

Grata pela companhia, ela retribuiu o sorriso.

Eles caminharam até o ponto indicado, e ela passou mais uma hora encostada contra a árvore, transpirando e escorrendo sob as roupas, perguntando-se no que se metera ao concordar em viver no Ceilão. O barulho parecia amplificado, e, apesar de se manter por perto, protegendo-a da multidão, ele precisava gritar para ser ouvido.

“Caso seu marido não chegue até as três, sugiro com todo o respeito que a senhora vá esperá-lo no Hotel Galle Face. É um lugar arejado, com ventiladores e refrescos, muito mais confortável.”

Ela hesitou, relutante em deixar o lugar onde estava. “Mas como Laurence vai saber que estou lá?”

“Ele vai saber. Todos os britânicos, qualquer que seja sua classe, hospedam-se no Galle Face.”

Ela voltou o olhar para a fachada imponente do Grand Oriental. “Lá não?”

“Definitivamente não. Confie em mim.”

Em meio ao calor feroz da tarde, uma lufada de vento jogou areia em seus olhos, fazendo as lágrimas escorrerem por suas faces. Ela piscou várias vezes antes de esfregá-los, torcendo para que o homem de fato merecesse confiança. Talvez ele estivesse certo. Aquele calor era um risco de vida.

Bem perto de onde ela estava, uma pequena aglomeração se formou sob uma infinidade de fitas brancas penduradas sobre a rua, e um homem de túnica marrom, emitindo um som repetitivo e agudo, posicionou-se no centro de um grupo de mulheres com roupas coloridas. O sr. Ravasinghe notou que Gwen estava observando.

“O monge está entoando o *pirith*”, ele explicou. “Isso costuma ser requisitado no leito de morte dos moribundos, para garantir uma boa passagem. Aqui, acredito que seja porque um grande mal aconteceu naquele lugar, ou no mínimo uma morte. O monge está tentando purificar o local de qualquer resquício de interferência maligna, com a bênção dos deuses. Nós acreditamos em fantasmas aqui no Ceilão.”

“Todos aqui são budistas?”

“Eu sou, mas existem também hindus e muçulmanos.”

“E cristãos?”

Ele inclinou a cabeça.

Quando bateram as três horas sem nenhum sinal de Laurence, o homem estendeu o braço e deu um passo atrás. “Podemos?”

Gwen assentiu, e ele chamou um dos puxadores de riquixá, que vestia apenas um turbante e uma tanga ensebada.

Ela estremeceu ao notar a magreza do dorso nu do homem. “O senhor não vai querer que eu entre nisso, não é?”

“Prefere um carro de boi?”

Ela sentiu o rosto ficar vermelho ao observar as frutas ovaladas e alaranjadas empilhadas na carroça com rodas enormes de madeira e cobertura de palha.

“Perdão, sra. Hooper. Foi uma brincadeira. Seu marido usa carroças para transportar as caixas de folhas de chá. Nós na verdade andamos de charrete. São puxadas por apenas um boi, e têm cobertura de folha de palmeira.”

Ela apontou para as frutas alaranjadas. “E isso, o que é?”

“Coco rei. Só tem serventia por causa da água. Está com sede?”

Apesar de estar sedenta, ela fez que não com a cabeça. Na parede atrás do sr. Ravasinghe, um cartaz mostrava uma mulher de pele escura equilibrando um cesto de vime na cabeça, vestida com um sári amarelo e vermelho. Seus pés estavam descalços, e ela usava enfeites dourados no tornozelo e um lenço amarelo na cabeça. MAZZAWATTEE TEA, era o que dizia o cartaz. As palmas das mãos de Gwen ficaram suadas, e uma onda de pânico tomou conta de seu corpo. Ela estava muito longe de casa.

“Como a senhora pode ver”, continuou o sr. Ravasinghe, “os auto-

móveis são escassos e pouco frequentes, de modo que o riquixá é certamente uma opção mais rápida. Caso não a agrade, podemos esperar, e tentarei providenciar uma carruagem com cavalo. Ou, se preferir, posso acompanhá-la no riquixá.”

Nesse momento, um carro preto e imponente foi abrindo caminho em meio à aglomeração de pedestres, ciclistas, carroças e charretes, por pouco não atropelando um grande número de cachorros sonolentos. Laurence, ela pensou, aliviada, mas, quando olhou pela janela do veículo, viu apenas duas europeias gordas de meia-idade. Uma delas se virou para Gwen, fazendo uma careta de reprovação.

Muito bem, pensou Gwen, sentindo que era preciso entrar em ação. Então um riquixá é o que vai ser.

Havia uma fileira de palmeiras estreitas oscilando sob a brisa do lado de fora do Hotel Galle Face, uma construção à beira-mar de estilo distintamente britânico. Quando o sr. Ravasinghe se despediu com sua saudação em estilo oriental e um sorriso caloroso, ela lamentou sua partida, mas subiu as escadarias curvadas e se acomodou para esperar na sombra relativamente fresca do Palm Lounge. Imediatamente se sentindo em casa, ela fechou os olhos, aliviada por ter um breve respiro em meio a um ataque generalizado a seus sentidos. Mas o descanso não podia durar muito. Caso Laurence chegasse naquele momento, no estado lamentável em que se encontrava, ela não criaria a impressão que gostaria. Dando um gole em sua xícara de chá do Ceilão, Gwen olhou por cima das mesas e cadeiras espalhadas pelo piso de teca. Em um cantinho discreto, havia uma plaqueta sinalizando o toailete feminino.

Dentro do recinto de aroma adocicado e revestido de espelhos, ela lavou o rosto e aplicou na pele uma borrifada de *Après L’Ondée*, que por sorte estava guardado em sua mala, e não na bolsa que caíra no mar. Estava se sentindo grudenta, com o suor escorrendo sob os braços, mas prendeu os cabelos mesmo assim, para refrescar a nuca. Seus cabelos eram a coroação de sua glória, Laurence havia dito. Eram escuros, compridos e ondulados quando soltos. Quando ela mencionou

que gostaria de cortá-los mais curtos, como Fran, ele ficou horrorizado, puxou uma mecha de trás de sua nuca e apoiou o queixo no alto de sua cabeça. Depois disso, segurando seu queixo com ambas as mãos e prendendo seus cabelos na ponta dos dedos, ficou olhando para ela.

“Nunca corte os cabelos. Prometa.”

Ela concordou com um aceno, sentindo-se incapaz de falar, com o toque das mãos dele despertando em seu corpo sensações até então inauditas.

O dia do casamento fora perfeito, assim como a semana seguinte. Na noite da despedida, nenhum dos dois dormiu, e ele precisava se levantar antes de amanhecer para chegar a Southampton a tempo de embarcar no navio para o Ceilão. Apesar de ficar desapontado por não poder levá-la, ele tinha negócios a resolver, e ambos sabiam que o tempo não demoraria a passar. Laurence não fez objeções à sua decisão de ficar para esperar por Fran, mas ela se arrependeu assim que ele partiu, sem saber como aguentaria passar tanto tempo sem ele. Quando Fran anunciou que precisaria passar ainda mais tempo em Londres por causa de uma propriedade da qual estava se desfazendo, Gwen decidiu fazer a viagem sozinha.

Com sua beleza cativante, belos pretendentes nunca faltaram para Gwen, mas ela se apaixonou por Laurence assim que o viu em um jantar dançante ao qual comparecera com Fran em Londres. Quando ele sorriu e se aproximou com passos determinados para conhecê-la, ela foi conquistada de vez. Eles se encontraram todos os dias depois disso, e, ao ser pedida em casamento, ela ergueu o rosto corado e aceitou, sem hesitação. Seus pais não ficaram muito contentes com o fato de um viúvo de trinta e sete anos querer se casar com a filha, e seu pai foi um pouco mais difícil de convencer, porém ficou positivamente impressionado quando Laurence propôs deixar um administrador encarregado da fazenda e voltar a viver na Inglaterra. Gwen não quis nem ouvir falar na ideia. Se era no Ceilão que estava a vida dele, era onde estaria a sua também.

Quando fechou a porta do toailete atrás de si, ela o viu parado de costas no amplo hall de entrada, e até perdeu o fôlego. Levou a mão ao colar no pescoço, ajustando o pingente azul para que ficasse cen-

tralizado, e, impressionada com a intensidade dos próprios sentimentos, permaneceu imóvel enquanto o admirava. Ele era alto, com costas largas e cabelos castanhos bem cortados com manchas grisalhas nas têmporas. Formado em Winchester, parecia exalar confiança por todos os poros: um homem que as mulheres adoravam e os outros homens respeitavam. Mesmo assim, era um leitor de Robert Frost e William Butler Yeats. Ela o amava por isso, e pelo fato de ele já saber que Gwen não era a menina recatada que a maioria das pessoas esperava que fosse.

Como se tivesse sentido o olhar dela atrás de si, ele se virou. O peito de Gwen se aliviou ao entrar em contato com os olhos castanhos determinados de Laurence e o sorriso que se abriu em seu rosto quando começou a caminhar em passadas largas na direção da esposa. Ele tinha o maxilar quadrado e uma covinha no queixo que, junto com os cabelos ondulados na frente e rebeldes no topo da cabeça em virtude de um par de redemoinhos, ela considerava irresistíveis. Como estava usando bermudas, ela pôde ver que suas pernas estavam bronzeadas, e ele parecia muito mais rústico ali do que no frio interior da Inglaterra.

Energizada, ela saiu correndo na direção do marido. Ele a segurou à distância de um braço por um instante, e em seguida a envolveu em um abraço tão apertado que ela mal conseguia respirar. O coração de Gwen estava disparado quando ele parou de girá-la e enfim a colocou no chão.

“Você não faz ideia do quanto senti sua falta”, ele disse com a voz grave e um pouco embargada.

“Como você sabia que eu estava aqui?”

“Perguntei ao capitão do porto para onde tinha ido a mulher mais linda do Ceilão.”

Ela sorriu. “É muita gentileza sua, mas é claro que eu não sou nada disso.”

“Um dos seus maiores charmes é não fazer a menor ideia do quanto é bonita.” Ele segurou suas duas mãos. “Me desculpe pelo atraso.”

“Não tem problema. Fui bem cuidada. Ele disse que o conhece. O sr. Ravasinghe, acho que era esse o nome dele.”

“Savi Ravasinghe?”

“Sim.” Ela sentiu os cabelos de sua nuca se arrepiarem. Ele franziu a testa e estreitou os olhos, reforçando as linhas de expressão que

marcavam prematuramente sua pele. Ela conteve a vontade de tocá-las. Ele era um homem vivido, e isso o tornava ainda mais atraente.

“Muito bem”, ele falou, logo recuperando o bom humor. “Agora eu já estou aqui. O maldito carro quebrou. Por sorte, Nick McGregor conseguiu dar um jeito. Está muito tarde para pegar a estrada, então vou reservar um quarto para nós.”

Eles foram até o balcão e, depois de terminar de tratar com o atendente, Laurence a abraçou. Quando tocou o rosto dela com os lábios, ela soltou um breve suspiro.

“Seu baú vai ser despachado de trem”, ele contou. “Pelo menos até Hatton.”

“Eu sei, já conversei com o homem da alfândega.”

“Certo. McGregor vai mandar um cule ir buscar o baú na estação em um carro de boi. Você tem tudo de que precisa até amanhã na mala?”

“Praticamente.”

“Quer um chá?”, ele perguntou.

“Você quer?”

“O que você acha?”

Ela sorriu e teve que se segurar para não soltar uma risada em alto e bom som quando ele pediu para o atendente subir a bagagem o quanto antes.

Eles subiram de braços dados, mas, quando ultrapassaram o último degrau da escadaria curvada, ela se sentiu inesperadamente tímida. Ele a soltou e foi na frente para destrancar e abrir a porta.

Ela deu os últimos passos pelo corredor e olhou para dentro do quarto.

O sol do fim de tarde entrava pelas janelas altas, conferindo às paredes um tom rosado e delicado; os abajures coloridos dos dois lados da cama estavam acesos, e o quarto cheirava a laranja. Ao contemplar aquele cenário claramente projetado para a intimidade, ela sentiu um calor subir pela nuca e esfregou a pele da parte posterior do pescoço. O momento que imaginara tantas vezes havia chegado, mas ela se viu hesitante, parada na porta.

“Não gostou?”, ele perguntou, com os olhos reluzentes.

Ela sentiu sua pulsação disparar no pescoço.

“Querida?”

“Adorei”, ela conseguiu dizer.

Ele foi até ela e soltou o grampo de seus cabelos. “Pronto. Assim fica melhor.”

Ela assentiu com a cabeça. “Daqui a pouco vão trazer a bagagem.”

“Acho que ainda temos um tempinho”, disse ele, tocando o lábio inferior com o dedo. Bem nesse momento, porém, houve uma batida na porta.

“Vou abrir a janela”, anunciou ela, dando um passo para trás, contente por ter uma desculpa para não permitir que o carregador notasse seu nervosismo idiota.

O quarto tinha vista para o mar, e, quando abriu a janela, Gwen observou os raios dourados do sol se refletindo sobre as ondas. Isso era o que ela queria, e os dois já tinham passado uma semana juntos depois de casados na Inglaterra, mas sua casa parecia muito distante naquele momento, e pensar nisso fez com que seus olhos se enchessem de lágrimas. Ela cerrou as pálpebras e ficou apenas escutando enquanto o carregador guardava a bagagem. Quando o homem saiu, ela se virou para Laurence.

Ele abriu um sorriso torto. “Algum problema?”

Ela baixou a cabeça e ficou olhando para o chão.

“Gwen, olhe para mim.”

Ela piscou algumas vezes, e o quarto mergulhou no silêncio. Sua mente foi inundada por um turbilhão de pensamentos enquanto ela se perguntava como explicar a sensação de ser catapultada para um mundo que não entendia. E não era só isso — havia também a sensação de se sentir desnudada pelo olhar do marido. Sem querer deixar que a vergonha a dominasse, ela ergueu a cabeça e, com movimentos bem lentos, deu alguns passos na direção dele.

Ele pareceu aliviado. “Fiquei preocupado por um instante.”

As pernas dela começaram a tremer. “É bobeira minha. É tudo tão novo para mim... Você também é uma novidade.”

Ele sorriu e chegou mais perto. “Bom, se for só isso, é bem fácil de resolver.”

Ela se inclinou na direção dele, sentindo o chão oscilar sob seus pés quando ele começou a mexer no botão na parte de trás de seu vestido.

“Deixe que eu faço isso”, ela falou, levando as mãos às costas e deslizando o botão para fora. “Tem um jeitinho.”

Ele riu. “Está aí uma coisa que eu preciso aprender.”

Uma hora mais tarde, Laurence estava dormindo. Com a motivação da longa espera, o amor que fizeram foi intenso, ainda mais que na noite de núpcias. Ela se lembrou do que havia passado logo depois de desembarcar no país; era como se o sol implacável de Colombo tivesse sugado as energias de seu corpo. Mas ela estava errada. Ainda havia energia de sobra, embora naquele momento, no embalo dos sons que vinham do mundo exterior, seus braços e pernas estivessem pesados e o sono parecesse próximo. Ela se deu conta do quanto estava se tornando natural ter Laurence deitado ao seu lado e, sorrindo de seu nervosismo inicial, remexeu-se um pouco para poder contemplar e sentir a força do corpo dele nos locais onde parecia estar colado ao dela. Um único sentimento a dominava, o amor, que parecia de alguma forma ter se condensado naquele instante perfeito. Tudo ficaria bem. Durante mais um minuto ou dois, ela respirou o cheiro dele enquanto as sombras no quarto se alongavam e então rapidamente escureciam. Ela respirou fundo e fechou os olhos.